



GRUPO Kesis

ACTAS
DAS
**IV JORNADAS
INTERNACIONAIS
DE INVESTIGADORES
DE FILOSOFIA**

**Cartografias da Filosofia
para o Século XXI**

Grupo Krisis

ACTAS
DAS

**IV JORNADAS INTERNACIONAIS
DE INVESTIGADORES DE FILOSOFIA
Cartografias da Filosofia para o Século XXI**

ISBN: 978-989-99154-0-4

Título: *Actas das IV Jornadas Internacionais de Investigadores de Filosofia – Cartografias da Filosofia para o Século XXI*

Autores: Irene PINTO PARDELHA, Irene VIPARELLI, Moisés FERREIRA

Data: 2014

Editor: Instituto de Filosofia Prática – Pólo da Universidade de Évora (IFP-UÉ)

URL: <http://www.krisis.uevora.pt/edicao/actas4.pdf>

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
O <i>lógos</i> e a essência do humano	8
Paula Renata de Campos ALVES	
O federalismo e a democracia no século XXI.....	15
José Gomes ANDRÉ	
Autonomy or heteronomy of the State? An enquiry into the political theory of <i>The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte</i> by Karl Marx	29
Francesca ANTONINI	
Giorgio Agamben, leitor contemporâneo do <i>Peris Psykhês</i>	37
Jonnefer BARBOSA	
O papel do professor na instrução democrática da criança: Uma reflexão crítica ao programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman	47
Fernando BENTO	
Nuove cartografie (filosofiche) dell'urbano: Abitare tra spazio esistente e spazio femminile.....	57
M. Giovanna BEVILACQUA	
Sul nuovo reale filosofico: Oltre il postmoderno.....	66
Flavia CONTE	
La violenza originaria: Una violenza di principio nella filosofia di María Zambrano	94
Paola COPPI	
Political behaviour and moral behaviour between <i>praxis</i> and <i>poiesis</i>	105
Piergiorgio DELLA PELLE	
Uma reinterpretação da <i>Filosofia da Natureza</i> de Hegel: A ideia de <i>vida</i> e de <i>organismo</i> como ponto de partida para uma abordagem evolucionista	114
Margarida DIAS	
<i>Existenz</i> : Reflexões sobre técnica e filosofia.....	125
João Emanuel DIOGO	

Ernst Cassirer: Da patologia da consciência simbólica à definição dos limiares e horizontes do humano	144
Moisés FERREIRA	
Metafísica da revolução. Poética e política no ensaísmo de Eduardo Lourenço.....	155
Maria Teresa FILIPE	
Exploration and regime of spatiality. The French expansionist project to the <i>Terra Australis</i>	162
Simón Gallegos GABILONDO	
Godard e il colore che forma.....	179
Roberto LAI	
È possibile la filosofia oggi?.....	191
Edoardo LAMEDICA	
Variações fenomenológicas de V. Flusser: Análise fenomenológica da língua	204
Helena LEBRE	
Le paradigme épistémologique des sciences économiques. Vers la fin du débat entre interventionnisme et monétarisme	212
Elfège LEYLAVERGNE	
What metaphysics today?.....	222
Rosa Maria LUPO	
Il fondamento e la fondazione. Alcune riflessioni sui presupposti di una fenomenologia senza presupposti	234
Emanuele MARIANI	
Do substancialismo da técnica heideggeriana à sua politização: Os propósitos da crítica de Andrew Feenberg ao essencialismo tecnológico	242
Ângelo Nunes MILHANO	
Contaminazioni: Immagine cinematografica e architettura contemporanea	252
Federica PAU	
Regressar à Lebenswelt. Resgatar a opacidade na reflexão	260
Irene PINTO PARDELHA	
Do universalismo dialógico ao universalismo interativo: Adela Cortina e Seyla Benhabib.....	266
Maria do Céu PIRES	

O fenómeno do tédio e o seu enraizamento na afetividade e na temporalidade humana.....	274
Gabriela Pó	
O impacto educacional da corrupção.....	280
Zélia Maria Xavier RAMOS	
Vulnerabilidade social: Questões baseadas na análise do trabalho precário.....	291
Carolina Costa RESENDE	
José Newton Garcia de ARAÚJO	
Ética da natureza e estética da paisagem	300
Luís Portugal Viana de SÁ	
In dubbio sulla «cosa stessa». Note sul problema husserliano della integrità del dato percettivo.....	309
Roberto SIFANNO	
Podem as razões subjacentes a uma ação ser as causas (eficientes) dessa ação? Uma investigação filosófica sobre o poder causal da razão prática.....	327
João Carlos Sousa SILVA	
Percorsi astronomici in Platone	343
Carla SOLDAT	
Sostanza e tempo. Una breve nota sul pensiero di Jonathan Lowe.....	351
Timothy TAMBASSI	
As implicações políticas das categorias de “vazio” e de “conjuntura” em L. Althusser	362
Irene VIPARELLI	

As implicações políticas das categorias de “vazio” e de “conjuntura” em L. Althusser

Irene VIPARELLI*
Universidade de Évora (Portugal)

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura da obra de L. Althusser centrada nas categorias de conjuntura e de vazio. A hipótese fundamental que procuramos demonstrar ao longo do artigo é que tal abordagem permite encontrar uma continuidade inesperada entre os seus textos “estruturalistas”: os que se referem à crise do marxismo e aqueles que dizem respeito ao materialismo aleatório. Tentaremos, deste modo, mostrar que a teoria do materialismo aleatório, desenvolvida por Althusser nos primeiros anos da década de 80, representa uma tentativa de permanecer fiel à hipótese revolucionária, numa conjuntura histórica maquiavélica, em que todas as condições da revolução – quer teóricas quer políticas – se encontram dissolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Althusser, Marxismo, Ontologia, Conjuntura, Vazio

RIASSUNTO: Il presente articolo propone una lettura dell’opera di L. Althusser, centrata sulle categorie di congiuntura e di vuoto. L’ipotesi che si cercherà di dimostrare è che tale approccio permette di cogliere una “inattesa” continuità tra i testi “strutturalisti”, quelli sulla crisi del marxismo e quelli sul materialismo aleatorio, poiché spinge a interpretare il materialismo aleatorio come un tentativo di fedeltà all’ipotesi rivoluzionaria, in una congiuntura storica machiavellica, caratterizzata dalla dissoluzione delle condizioni teoriche e politiche della rivoluzione.

PAROLE CHIAVE: Althusser, Marxismo, Ontologia, Congiuntura, Vuoto

* Trabalho desenvolvido no âmbito do programa de pós-doutoramento financiado pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* – SFRH/BPD/62989/2009.
E-mail: viparelli1@gmail.com

1. As “rupturas” no pensamento de Althusser

A radical heterogeneidade entre os textos desenvolvidos ao longo das décadas de 60 e 70 e os inéditos, publicados postumamente nos primeiros anos da década de 80, torna a procura duma coerência teórica ao longo da obra de L. Althusser uma tarefa árdua, senão impossível¹. Com efeito, uma breve revisão dos seus textos mais célebres parece apontar para uma “dupla ruptura” no seu percurso teórico, que determina a sucessão de três fases radicalmente descontínuas entre elas, quer no plano das categorias teóricas utilizadas, quer no das problemáticas abordadas.

Numa primeira fase, que vai até à primeira metade da década de 70, Althusser procura restabelecer, contra a própria história do marxismo e através das categorias da tradição estruturalista francesa, o autêntico significado da obra de Marx (ALTHUSSER, 1967; 2006a; 2006b). Para alcançar este objetivo, a sua reflexão foca-se, em primeiro lugar, sobre a questão da definição do estatuto epistemológico da obra de Marx, formulando assim as suas teses mais célebres relativamente ao carácter científico da teoria marxista: Marx, em 1845, fundou uma nova ciência – a ciência da história – e, por conseguinte, uma nova filosofia – a dialética materialista – enraizada em pressupostos radicalmente diferentes no que se refere a toda a tradição filosófica ocidental. Em segundo lugar, Althusser faz uma análise do conceito de ideologia que procura estabelecer os pressupostos teóricos que permitem formular uma “teoria geral” da ideologia, a seu ver, ausente ao longo de toda a tradição marxista (ALTHUSSER, 1977).

No final da década de 70, a atenção de Althusser vira-se para o problema da “crise do marxismo”, redigindo vários ensaios em evidente contradição com os pressupostos teóricos dos textos anteriores (ALTHUSSER, 1998a; 1998b; 1998c; 1998d). Enquanto na “primeira fase” do seu pensamento se tratava de definir os elementos fundamentais da dialética marxista, expressão da única e verdadeira perspectiva filosófica materialista, agora, o mesmo núcleo dialético do dispositivo teórico de Marx é reconhecido como sendo o seu limite fundamental: um “resíduo” de idealismo que impede que a teoria revolucionária esteja à altura dos desafios colocados pela história. Em outras palavras, nos textos sobre a crise do marxismo, a análise já não responde à exigência de redescobrir o verdadeiro significado da teoria de Marx, para além da história do marxismo mas, muito pelo contrário, deve assumir uma atitude crítica relativamente à própria obra de Marx, tentando desvendar os seus limites teóricos e políticos. Com efeito, segundo Althusser, a crise torna evidente em primeiro lugar a insuficiência de alguns dos postulados teóricos fundamentais da obra de Marx, tais como a teoria marxista do valor, a teoria da reprodução e a relação entre estrutura e superestrutura. Em segundo lugar, e por conseguinte, a crise deixa emergir as limitações políticas dos partidos comunistas europeus: devido às suas organizações burocráticas e fechadas, que impediram qualquer movimento de crítica teórica e de transformação, os partidos

¹ No seu *Zitto ancora Althusser!*, Balibar mostra, numa reflexão que relaciona intimamente o destino autobiográfico e o filosófico, a dinâmica profundamente “auto-destrutiva” do pensamento althusseriano: «Althusser, como constricto por uma força implacável, “destrutiva”, “desconstruía” ou “desfazia” o que tinha feito. [...] Não rectificava ou não revogava o seu argumento inicial, mas com as mesmas palavras e às vezes com as mesmas frases, conseguia dizer que era branco o que ele tinha dito que era preto, como alguém que, refazendo os seus passos invisíveis, tentasse alcançar os antípodas» (BALIBAR, 1991: 15-16).

comunistas demonstraram-se de facto incapazes de compreender as transformações sociais e de representar as novas formas de resistência, que tinham emergido depois de 1968.

Por fim, nos manuscritos da década de 80, ocorre mais uma “viragem” no pensamento de Althusser, que se afasta, quer da antiga questão do estatuto da obra de Marx, quer da problemática dos seus limites, deslocando a reflexão de um plano eminentemente filosófico para a afirmação de uma perspectiva filosófica verdadeiramente materialista (ALTHUSSER, 2000). A tese fundamental aqui desenvolvida por Althusser é a da existência, ao longo de toda a história da filosofia ocidental, de uma tradição materialista “subterrânea”, escondida pelo idealismo dominante, que começa em Epicuro, que prossegue com Espinosa, Maquiavel, Rousseau, Marx, Heidegger e chega até à filosofia francesa mais recente: Foucault, Deleuze, Derrida. A sua característica fundamental é a primazia do vazio sobre o ser, isto é, da contingência, do caos, da casualidade sobre qualquer necessidade, ordem e determinação de sentido do ser. É a chuva epicurista de átomos no vazio e o *clinamen* – isto é, o encontro aleatório de elementos no vazio – a constituir, segundo Althusser, a metáfora que melhor representa esta visão do ser, fundamentada na recusa de qualquer forma de logocentrismo e de teleologismo. Em suma, em 1980, Althusser tenta estabelecer os pressupostos para uma “ontologia do vazio”, fornecendo duas definições dela bastante herméticas: materialismo aleatório é «pensamento da *conjuntura*» (ALTHUSSER, 2000: 91) e «filosofia para o marxismo» (ALTHUSSER, 2001: 46).

Qual a atitude a adotar perante as referidas fraturas teóricas? Teremos que abandonar qualquer hipótese de encontrar uma coerência teórica ao longo da obra de Althusser? Ao longo do presente artigo percorreremos um caminho diferente: através da análise de alguns textos da sua “primeira fase” publicados postumamente, tentaremos oferecer uma leitura do pensamento de Althusser a partir dos conceitos de vazio e de conjuntura, procurando deste modo desvendar os elementos de continuidade do seu percurso teórico.

2. Conjuntura, vazio e prática política

Tratar-se-á, de forma preliminar, de apresentar os vários elementos que, nos referidos textos inéditos, apontam para uma continuidade ao longo do pensamento de Althusser.

Na sua autobiografia, publicada postumamente, *L'avenir dure longtemps*, Althusser, regressando ao seu trabalho em torno do estatuto da obra de Marx e com vista a defender-se das acusações que lhe foram movidas de “estruturalismo”, isto é, de uma concepção abstrata da teoria de Marx que não deixaria espaço para a prática política, escreve:

«Desde o princípio, insistimos sobre a diferença estrutural entre combinatória (abstrata) e combinação (concreta), o que constituía todo o problema. Mas quem reparou nisso? Ninguém teve em conta esta diferença. Acusam-me em qualquer parte do mundo de estruturalismo, de justificar a imobilidade das estruturas na ordem estabelecida e a impossibilidade da prática revolucionária; quando, pelo contrário, eu tinha esboçado em relação a Lenine uma teoria da conjuntura.» (ALTHUSSER, 2007: 213)

O primeiro elemento para reter é então o de que a teoria da conjuntura representa o necessário complemento das reflexões de Althusser em torno do estatuto da obra de Marx, na medida em que, ao definir o vínculo, íntimo e necessário, entre teoria e praxis, impede que se considere o marxismo como uma ciência “neutra”.

Em *Notes sur la philosophie*, texto inédito de 1966, a mesma problemática da relação entre teoria e prática revolucionária aprofunda-se, procurando esclarecer a específica dinâmica da sua interação, isto é, indicando o vínculo necessário entre o conhecimento estrutural da conjuntura, fornecido pela “prática teórica”, e a “prática política”:

«Não é por acaso que as teorias fundadas sobre uma tópica que nós conhecemos (Marx, Freud) sejam teorias que possuem, nos seus princípios teóricos, aquilo que permite pensar a sua própria prática, não quero dizer a sua prática teórica, mas a prática específica (luta de classes, cura) que elas tendem a desencadear. Sem tópica, não é possível “orientar-se” numa conjuntura. O objeto duma prática (real e não teórica) é sempre uma conjuntura. [...] Ora uma tópica é um posicionamento, não apenas uma designação dos lugares num campo teórico, mas uma designação das relações de força em função da eficácia atribuída a cada força em função do seu lugar. Todo o posicionamento é, já, posicionar-se em relação de força. Ele é teórico, mas possui virtualmente uma função prática, na medida em que ela já indica, na sua expressão teórica, na modalidade da sua apresentação teórica [...] o seu próprio manual de instrução.» (ALTHUSSER, 1997: 326-327)

No nosso ver, então, a diferença feita por Althusser entre “prática teórica” e “prática política” deve ser interpretada como diferença entre um “pensamento da conjuntura”, funcional que desvende as contradições estruturais numa conjuntura determinada, e um “pensamento na conjuntura”, cuja função é a utilização do referido conhecimento teórico-estrutural tendo em vista a definição duma estratégia para a ação política.

O último dos textos inéditos que precisamos tomar em conta é um longo manuscrito, escrito entre 1971 e 1972 com vista à preparação dum curso sobre o pensamento de Maquiavel. Neste texto encontramos uma paradoxal centralidade da dimensão do vazio, que logo nos revela uma inesperada proximidade para com os textos do materialismo aleatório. Com efeito, segundo Althusser, Maquiavel, recusando toda análise “geral” e focando a sua reflexão na “particular” e específica conjuntura italiana, procura estabelecer as condições para a emergência duma subjetividade política (o Príncipe) que, situando-se no limite entre a conjuntura e o seu vazio, consegue afirmar as condições para a constituição da nação italiana.

O elemento que, por enquanto, nos interessa salientar é a conotação imediatamente política adquirida neste texto pela categoria de “vazio”:

«Para deixarmos de lado o termo ambíguo de *sujeito*, que seria melhor substituir com o termo de agente, digamos que o espaço presente de uma análise de conjuntura política, na sua própria estrutura, feita de forças opostas e entrelaçadas, só faz sentido se ele organiza ou contem algum lugar *vazio*: vazio a preencher, vazio para aí inserir a ação do indivíduo ou do grupo de homens que virão tomar nele uma posição e apoio, para reunir as forças capazes, para constituir as forças capazes de realizar a tarefa política atribuída pela história – vazio para o futuro.» (ALTHUSSER, 1999: 40)

3. Maquiavel e Lenine. Diferenças conjunturais

Que relação existe entre a definição da conjuntura como espaço de conjunção entre teoria e práxis e a definição do materialismo aleatório como “pensamento da conjuntura”? Que relação existe entre a concepção do “vazio” como lugar da prática política, central no manuscrito sobre Maquiavel, e a ontologia do vazio? Qual o papel da crise do marxismo na deslocação das categorias de vazio e de conjuntura do plano político para o plano filosófico?

Para tentarmos responder aos nossos quesitos, será útil abrir um breve parêntese com vista a estabelecer uma confrontação entre as reflexões levadas a cabo por Althusser, na sua “primeira fase”, sobre os “dois teóricos” da conjuntura: Maquiavel, «o primeiro teórico da conjuntura» (ALTHUSSER, 1999: 36) e Lenine, cujo valor teórico deve ser procurado «na análise da estrutura duma conjuntura» (ALTHUSSER, 1967: 157).

Em primeiro lugar, o que permite definir ambos como pensadores “na” conjuntura é, segundo Althusser, a consideração da conjuntura específica como sendo um determinado “problema político”: o da determinação das condições subjetivas para a revolução na Rússia czarista, no caso de Lenine; o da constituição da nação italiana, por Maquiavel. Em segundo lugar, e por conseguinte, quer Lenine, quer Maquiavel, consideram as questões teóricas apenas na medida em que resultam ser úteis para a resolução do problema específico político conjuntural, ou seja, apenas para se tornarem instrumentos da prática política. Assim, para Lenine, a dialética de Marx é «um método revolucionário» (ALTHUSSER, 1967: 159); no que respeita a Maquiavel, «é o ponto de vista da prática política que sozinho determina a modalidade da relação com os elementos da teoria política, e a modalidade e o dispositivo dos elementos da própria teoria política» (ALTHUSSER, 1999: 35). Portanto, conclui Althusser, o pensamento “na” conjuntura acarreta, necessariamente, uma «estranha vacilação» (ALTHUSSER, 1999: 40) da teoria, colocando em questão os próprios pressupostos do pensamento científico: quer a sua suposta neutralidade, na medida em que o pensamento na conjuntura implica a escolha de um ponto de vista de classe específico, ou seja, especifica uma tomada de partido; quer o seu anonimato. Com efeito, se a ciência é um «processo sem sujeito nem fim», muito pelo contrário, o pensamento “na” conjuntura exige e encontra o seu sentido apenas com vista à afirmação da subjetividade política. Para Lenine, tratava-se de constituir, «[...] sob a forma dum partido comunista que não tivesse elos fracos as condições subjetivas, o modo do último assalto contra o elo mas fraco da cadeia dos estados imperialistas» (ALTHUSSER, 1967: 79); para Maquiavel, «o que torna tão diferente o espaço da prática política do espaço da teoria [...] é que ele se encontra transformado na sua modalidade e no seu dispositivo pela existência deste lugar vazio, como lugar a encher, e que tem que ocupar o sujeito (o agente) da prática política» (ALTHUSSER, 1999: 41).

Primazia da prática política e vacilação das categorias teóricas são portanto, para Althusser, os elementos que, definindo as características fundamentais de todo pensamento “na” conjuntura, permitem aproximar Lenine e Maquiavel. Contudo, existe, entre as perspetivas dos dois pensadores, uma diferença fundamental que não é teórica, mas histórica e política, em suma, conjuntural. Enquanto a reflexão de Lenine se refere a uma conjuntura em que, por um lado, as contradições capitalistas têm afirmado uma “situação revolucionária”, por outro, existe uma

subjetividade política capaz de transformar a “situação revolucionária” em “acontecimento revolucionário” – o Partido Bolchevique; a reflexão de Maquiavel foca-se, muito pelo contrário, numa conjuntura cuja característica fundamental é a afirmação duma “situação revolucionária” – a estrutura contraditória da conjuntura italiana – na ausência duma subjetividade revolucionária.

Por isso, segundo Althusser, a tese de Maquiavel é uma “utopia teórica”; na medida em que representa «[...] o esforço de Maquiavel para pensar as condições de possibilidade de uma tarefa impossível, para pensar o impensável» (ALTHUSSER, 1999: 89); isto é, para pensar a revolução sem que sejam dadas as suas condições subjetivas. O vazio representa, em suma, o lugar duma subjetividade revolucionária ausente.

4. Da política à ontologia. A reafirmação da hipótese revolucionária

A reflexão em torno da diferença conjuntural entre Lenine e Maquiavel fornece, na nossa opinião, a chave para pensarmos o papel desempenhado pela crise do marxismo na transformação da teoria de Althusser: sendo ao mesmo tempo teórica e política, a crise não é nada senão a tomada de consciência do processo de desaparecimento das condições, quer teóricas quer políticas, da revolução. Em outras palavras, por um lado os limites teóricos da teoria de Marx impedem-no de desempenhar o seu papel de pensamento “da” conjuntura específica do final da década de 1970, sendo incapaz de desvendar as suas contradições estruturais; por outro lado, a estrutura burocrática e fechada dos partidos comunistas torna-os incapazes de pensar “na” conjuntura, isto é, de encontrar uma estratégia para a prática política. Portanto, a mais profunda significação da crise do marxismo, no nosso entender, deve ser procurada no bloqueio das condições subjetivas da revolução, isto é, na passagem duma “conjuntura leninista”, em que a revolução estava na “ordem do dia”, para uma “conjuntura maquiavélica, caracterizada pelo vazio gerado pela ausência do sujeito revolucionário.

O materialismo do encontro resulta então ser, em primeiro lugar, a filosofia mais adequada à conjuntura histórica específica do começo da década de 1980, em que as condições históricas, políticas e teóricas da revolução desapareceram: uma filosofia que não pode que ser a de Maquiavel, na medida em que a própria realidade se tornou maquiavélica; uma filosofia do vazio, porque é agora possível pensar a política apenas na forma da “ausência”.

A primeira conclusão que podemos tirar das nossas reflexões é então que a análise das categorias de vazio e de conjuntura permite reconhecer na dialética entre pensamento “da” conjuntura e pensamento “na” conjuntura um primeiro elemento de continuidade ao longo da obra de Althusser. Conceptualizada ao longo da “primeira fase” do seu pensamento, esta distinção acarreta uma leitura da conjuntura histórica do final da década de 1970, isto é, da época da crise do marxismo, como momento da dissolvença do vínculo entre teoria e práxis revolucionária e, por conseguinte, como afirmação duma “conjuntura maquiavélica”, dominada pelo vazio.

Contudo, a individuação desta primeira continuidade ainda não pode satisfazer-nos completamente, na medida em que, ao expulsar a possibilidade da prática política revolucionária, ele parece contradizer a definição do materialismo

aleatório como “filosofia para o marxismo” (ALTHUSSER, 2001: 46). Em outras palavras, como é que o materialismo aleatório, imagem filosófica duma conjuntura em que a possibilidade da revolução é negada pela ausência da subjetividade revolucionária, pode beneficiar a teoria revolucionária?

No nosso entender, para tentarmos encontrar uma resposta a esta questão, teremos que questionar-nos em torno das razões e das consequências da deslocação da categoria de vazio e de conjuntura do plano político para o plano ontológico, cumprida por Althusser na sua “terceira fase”. Com efeito, o vazio ontológico, negando o permanecer como característica do ser, expressa a sua ineliminável precariedade, transformando o conceito de “conjuntura” em “essência da história”. A afirmação duma conjuntura histórica em que se afirma uma subjetividade política que, partindo da sua origem contingente, seja capaz de adquirir necessidade histórica, determinando, a partir da falta de «Sentido da história» (ALTHUSSER, 2000: 102), um «sentido *na* história» (ALTHUSSER, 2000: 102), representa uma eterna possibilidade aleatória, inscrita na não-essencialidade do ser.

Em suma, paradoxalmente, o vazio ontológico torna-se a condição de possibilidade do preenchimento do vazio conjuntural, isto é, da emersão duma subjetividade política revolucionária.

Concluiremos então que o deslocamento da categoria do vazio para o plano filosófico da ontologia permite manter aberta, numa conjuntura histórica maquiavélica (que parece ter extinguido qualquer hipótese de revolução), uma perspectiva de emancipação. Em outras palavras, apenas em virtude de uma filosofia do aleatório, o marxismo enquanto teoria revolucionária pode sobreviver. É então na fidelidade à possibilidade revolucionária, para além das suas figuras teóricas e políticas herdadas da tradição, que, no nosso entender, devemos encontrar a mais profunda continuidade do pensamento de L. Althusser.

BIBLIOGRAFIA

BALIBAR, E.: *Écrits pour Althusser*, Paris, La Découverte, 1991; tr. it. A. Catone, *Per Althusser*, Roma, Manifestolibri, 1991.

ALTHUSSER, L.: *Pour Marx*. Paris, François Maspero, 1966; tr. it. F. Madonia, *Per Marx*, Roma, Editori Riuniti, 1967.

_____ *Idéologie et appareils idéologiques d'État*, in _____ *Positions*, Paris, Éditions Sociales, 1976, pp. 67-127; tr. it. a cura di C. Mancina, *Freud e Lacan*, Roma, Editori Riuniti, 1977, pp. 65-125.

_____ *Notes sur la philosophie*, in _____ *Écrits philosophiques et politiques*, Tome II, Éditions Stock/Imec, 1997, pp. 311-361.

_____ *Marx dans ses limites*, in _____ *Écrits philosophiques et politiques*, Tome I, Éditions STOCK/IMEC, 1994, pp. 367-539.

_____ *Avant-propos du livre de G. Duménil, Le concept de loi économique dans “le Capital”*, in _____ *Solitude de Machiavel*, Paris, PUF, 1998a, pp. 247-267.

- _____ *Enfin la crise du marxisme!*, in _____ *Solitude de Machiavel*, Paris, PUF, 1998b, pp. 267-281.
- _____ *Le marxisme comme théorie "finie"*, in _____ *Solitude de Machiavel*, Paris, PUF, 1998c, pp. 281-297.
- _____ *Le marxisme aujourd'hui*, in _____ *Solitude de Machiavel*, Paris, PUF, 1998d, 297-311.
- _____ *Machiavel et nous*, Paris, Éditions Tallandier, 2009; tr. it. M. T. Ricci, *Machiavelli e noi*, Roma, Manifestolibri, 1999.
- _____ *Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre*, in _____ *Écrits philosophiques et politiques*, Tome I, Éditions STOCK/IMEC, 1994, pp. 553-594; tr. it. a cura di V. Morfino e L. Pinzolo, *Sul materialismo aleatorio*, Milano, Edizioni Unicopli, 2000, pp. 55-117.
- _____ *Sur la philosophie*, Gallimard, Paris, 1994; tr. it. a cura di Aldo Pardi, *Sulla Filosofia*, Milano, Edizioni Unicopli, 2001.
- _____ *Du Capital à la Philosophie de Marx*, in AA. VV., *Lire Le Capital*, tome I, Paris, François Maspero, 1966; tr. it. a cura di M. Turchetto, *Leggere il Capitale*, Milano, Mimesis, 2006a.
- _____ *L'Objet du Capital*, in AA. VV., *Lire Le Capital*, tome II, Paris, François Maspero, 1966; tr. it. a cura di M. Turchetto, *Leggere il Capitale*, Milano, Mimesis, 2006b.
- _____ *L'Avenir dure longtemps*, Éditions STOCK/IMEC, 2007.